

**FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Andréa Andira Leite

A antropofagia presente na peça “O Rei da Vela”

Trabalho apresentado como requisito parcial
para conclusão do 2º semestre em
Biblioteconomia e Ciência da Informação.

São Paulo

2012

SUMÁRIO

1.	Introdução	03
2.	O Movimento Antropofágico	04
2.1	Oswald de Andrade	06
2.1.1	O Manifesto Antropofágico	07
3.	A antropofagia presente em “O Rei da Vela”	11
4.	Considerações finais	15
5.	Referências bibliográficas	16

1 INTRODUÇÃO

A peça “O Rei da Vela”, de Oswald de Andrade, foi escrita em meio a efervescentes discussões sobre a real brasilidade da nossa cultura.

Questionada por vários estudiosos, esta “veia brasileira” – carregada de mitos e caracterizada pela sua miscigenação entre índios, africanos e europeus – apresentou-se e reapresentou-se por meio de faces e interpretações diversas, no decorrer de nossa história.

Escrita em 1933, “O Rei da Vela” distancia-se em onze anos do evento que veio transformar o ambiente artístico-cultural brasileiro, marcando assim, o início do Movimento Modernista no país, a Semana de 22.

Como se sabe, tal movimento baseou-se, aqui no Brasil, no questionamento e na busca de uma identidade nacional genuína, originária de nossas raízes, e na recusa ao que representasse a cópia de culturas externas.

Em meio a esse movimento cultural que marcou e modificou a trajetória artística brasileira, é inaugurado, em 1928, o Movimento Antropofágico.

Criado por Oswald de Andrade, o Movimento Antropofágico repudia todo o “massacre cultural” realizado no Brasil, desde o seu descobrimento.

Por meio do “Manifesto Antropofágico”, redigido por Oswald, podem-se observar questões pontuais a respeito da catequização, colonização e exploração do país, já nos primórdios da história brasileira.

Entra aqui “O Rei da Vela”, que, em muitos trechos – por meio dos termos empregados na obra – aponta uma relação direta, apesar de sutil, com a antropofagia.

Podemos observar, na peça, alguns traços da ideia antropofágica de tomarmos a nossa cultura, nos libertar dos preconceitos e tabus e evitar qualquer forma de exploração.

Para salientar tais traços, recorreremos a pesquisas bibliográficas sobre o tema, a fim de contextualizar os fatos históricos, culturais e sociais que pontuaram tais questionamentos.

Inicialmente, discorreremos sobre o Movimento Antropofágico e o que este representou no cenário cultural brasileiro, assim como, quem foi o emblemático Oswald de Andrade, seu idealizador.

A seguir, o desenvolvimento de um diálogo antropofágico com “O Rei da Vela”, partindo de trechos selecionados do Manifesto Antropofágico e que muito se aproximam da obra em estudo.

Esperamos contribuir para um debate mais amplo, e que este possa frutificar, sobretudo por se fazer sob as luzes modernistas, antropofágicas e acima de tudo, brasileiras.

2 O MOVIMENTO ANTROPOFÁGICO

O homem antropofágico, quando despido de seus tabus assemelha-se ao homem nu. A cidade do homem nu será sem dúvida uma habitação própria para o homem antropofágico.¹

Podemos observar, nas palavras de Flávio de Carvalho, a ideia central que norteou o Movimento Antropofágico.

Criticando todas as formas de preconceito, de convenções e do extremo racionalismo da época, o movimento era um convite à liberação dos instintos e da alma primitiva do indivíduo moderno.

Liderado por Oswald de Andrade, o Movimento Antropofágico tomou forma a partir da publicação do “Manifesto Antropofágico”, em 1928.

¹ Flávio de Carvalho, “Uma these curiosa: a cidade do homem nú”, conferência apresentada pelo “delegado antropófago” no IV Congresso Pan-Americano de Arquitetura e Urbanismo, Rio de Janeiro, 1930. In: JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

Declarando sua opção política pelo Comunismo e assim, por ideias marxistas, Oswald também cita Freud e seus pensamentos acerca do inconsciente e repressão dos instintos humanos, faz referências às questões trazidas pelo surrealismo² e por seu representante principal, André Breton.

De fato o surrealismo muito se assemelhava à antropofagia, no que concerne a certo repúdio ao colonialismo.

Por meio desses temas, procura evocar o verdadeiro caráter brasileiro, questão esta já trazida pelo Movimento Modernista.

A ideia de antropofagia cultural, termo que cunhou o movimento, se apropria de todas essas citações e referências e propõe uma nova relação com as culturas: algo ativo ao invés de passivo.

O caráter ambíguo da cultura brasileira, caracterizada pelo consumo do que era estrangeiro e pela reafirmação de raízes nacionais demandava olhares atentos, críticos e acima de tudo, seletivos. Segundo Paola Berenstein Jacques, em *Elogio aos errantes* (2012),

*A ideia dos artistas era clara: consistia em reagir criticamente contra a dominação artística estrangeira de colonizadores (...) e de estrangeiros em geral, da mesma maneira que os índios. (...) A ideia principal era de comer a arte europeia, ruminá-la com um molho nativo e popular e, finalmente, vomitar a arte antropofágica, tipicamente brasileira, com toda a sua ironia e crítica subversiva.*³

² SURREALISMO, s.m. Automatismo psíquico puro pelo qual se propõe exprimir, seja verbalmente, seja por escrito, seja de qualquer outra maneira, o funcionamento real do pensamento. Ditado do pensamento, na ausência de todo controle exercido pela razão, fora de toda preocupação estética ou moral. In: BRETON, André. **Manifesto do Surrealismo**. 1924.

³ JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 98.

A referência aos índios e sua cultura primitiva foi a mais forte e a principal para a idealização do Movimento Antropofágico. “Tupi, or not tupi that is the question”. Inspira-se na prática dos índios tupis, que devoravam seus inimigos, porém, apenas aqueles que possuíam virtudes. Nasce então, a ideia de devorar o “outro” - estrangeiro - assimilando tais virtudes em integração com os valores e práticas do “eu” - nós brasileiros - e numa deglutição seletiva, vomitar algo novo, moderno, irreverente. Simbolicamente, o ritual de devoração tupi migra para o campo da cultura. (Rolnik, 1998)

Também, a noção do “homem nu” de Flávio de Carvalho traz a referência ao índio. Assim como o índio, o “homem antropofágico” deveria ser um homem livre. De convenções, de regras, de limitações.

Ainda neste trabalho, dedicaremos um item ao Manifesto Antropofágico, possibilitando assim, um entendimento mais amplo quanto ao sentido metafórico e revolucionário do Movimento Antropofágico.

2.1 Oswald de Andrade

Este item é dedicado a uma breve abordagem biográfica sobre o autor da peça “O Rei da Vela”, Oswald de Andrade.

José Oswald de Souza Andrade (1890, São Paulo / 1954, São Paulo) formou-se em Direito. Foi jornalista, escritor e dramaturgo.

Nascido em uma família da aristocracia rural, Oswald nutria uma crítica irônica à sua própria classe social, por acreditar nos ideais comunistas de luta de classes e, portanto, contra as formas de exploração capitalistas.

Ao lado de Mário de Andrade, Oswald foi um dos responsáveis por introduzir o modernismo no Brasil. Lançaram, em fevereiro de 1922, a Semana de Arte Moderna, em São Paulo.

Casou-se com artista plástica Tarsila do Amaral, em 1923. Em 1930, separou-se dela para unir-se à revolucionária Patrícia Galvão; juntos, filiaram-se ao Partido Comunista Brasileiro.

É autor de dois significativos manifestos culturais brasileiros, o “Manifesto da Poesia Pau Brasil” e o “Manifesto Antropófago” ou “Manifesto Antropofágico”.

Oswald de Andrade teve papel marcante na cena cultural brasileira, tanto por sua obra, como por sua participação inovadora, consciente, crítica e corajosa nos debates artísticos, culturais, políticos e sociais do país e fora dele.

2.1.1 O Manifesto Antropofágico

Usando-a pelo seu poder de choque esse Manifesto lança a palavra “antropofagia” como pedra de escândalo para ferir a imaginação do leitor com a lembrança desagradável do canibalismo, transformada em possibilidade permanente da espécie.⁴

O Manifesto Antropofágico foi publicado em maio de 1928, na primeira edição da *Revista de Antropofagia*, mídia responsável por difundir as ideias do Movimento Antropofágico no país.

Teorias de Freud, Marx, Breton, Francis Picabia, Rousseau, Montaigne e Hermann Keyserling⁵ são citadas no Manifesto, numa proposta de pensar em algo novo para a cultura brasileira por meio do mecanismo da devoração antropofágica.

Num “estilo telegráfico” (Nunes, 1990), o Manifesto traz um discurso não linear e não lógico, uma crítica à cultura formal/racional vigente e uma alusão à forma dadaísta de construção do pensamento a partir de um fluir do inconsciente.

⁴ NUNES, Benedito. **A utopia antropofágica**: a antropofagia ao alcance de todos. São Paulo: Editora Globo, 1990. p. 15. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/90754008/ANDRADE-Oswald-A-utopia-antropofagica>. Acessado em 02/10/2012.

⁵ Sigmund Freud, psicanalista, notabilizou-se com suas teorias acerca do inconsciente e repressão dos instintos; Karl Marx, sociólogo, desenvolveu forte crítica ao capitalismo, propondo a luta de classes e o comunismo; André Breton, escritor e poeta, é autor do “Manifesto do Surrealismo”, de 1924; Francis Picabia, poeta e pintor, também participou dos movimentos dadaísta e surrealista; Jean-Jacques Rousseau e Michel de Montaigne, filósofos que discutiam as questões da liberdade do homem por meio de seus instintos e não somente pela razão; Hermann Keyserling, filósofo, desenvolve a teoria do “sentido da raça”, fidelidade da raça com seu espírito, contrário ao racionalismo europeu vigente.

A seguir, o Manifesto Antropofágico, na íntegra, nos permite compreender a abrangência metafórica a referencial deste texto de Oswald de Andrade. Os trechos sublinhados serão utilizados como fonte para discussão com a obra “O Rei da Vela”, do mesmo autor.

Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

Tupi, or not tupi that is the question.

Contra todas as catequeses. E contra a mãe dos Gracos.

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago.

Estamos fatigados de todos os maridos católicos suspeitosos postos em drama. Freud acabou com o enigma mulher e com outros sustos da psicologia impressa.

O que atropelava a verdade era a roupa, o impermeável entre o mundo interior e o mundo exterior. A reação contra o homem vestido. O cinema americano informará.

Filhos do sol, mãe dos viventes. Encontrados e amados ferozmente, com toda a hipocrisia da saudade, pelos imigrados, pelos traficados e pelos turistas. No país da cobra grande.

Foi porque nunca tivemos gramáticas, nem coleções de velhos vegetais. E nunca soubemos o que era urbano, suburbano, fronteiro e continental. Preguiçosos no mapa-múndi do Brasil.

Uma consciência participante, uma rítmica religiosa.

Contra todos os importadores de consciência enlatada. A existência palpável da vida. E a mentalidade pré-lógica para o Sr. Lévy-Bruhl estudar.

Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem.

A idade de ouro anunciada pela América. A idade de ouro. E todas as girls.

Filiação. O contato com o Brasil Caraíba. Ori Villegaignon print terre. Montaigne. O homem natural. Rousseau. Da Revolução Francesa ao Romantismo, à Revolução Bolchevista, à Revolução Surrealista e ao bárbaro tecnizado de Keyserling. Caminhamos..

Nunca fomos catequizados. Vivemos através de um direito sonâmbulo. Fizemos Cristo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará.

Mas nunca admitimos o nascimento da lógica entre nós.

Contra o Padre Vieira. Autor do nosso primeiro empréstimo, para ganhar comissão. O rei-analfabeto dissera-lhe: ponha isso no papel, mas sem muita lábia. Fez-se o empréstimo. Gravou-se o açúcar brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a lábia.

O espírito recusa-se a conceber o espírito sem o corpo. O antropomorfismo. Necessidade da vacina antropofágica. Para o equilíbrio contra as religiões de meridiano. E as inquisições exteriores.

Só podemos atender ao mundo oracular.

Tínhamos a justiça codificação da vingança. A ciência codificação da Magia. Antropofagia. A transformação permanente do Tabu em totem.

Contra o mundo reversível e as ideias objetivadas. Cadaverizadas. O stop do pensamento que é dinâmico. O indivíduo vítima do sistema. Fonte das injustiças clássicas. Das injustiças românticas. E o esquecimento das conquistas interiores.

Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros.

O instinto Caraíba.

Morte e vida das hipóteses. Da equação eu parte do Cosmos ao axioma Cosmos parte do eu. Subsistência. Conhecimento. Antropofagia.

Contra as elites vegetais. Em comunicação com o solo.

Nunca fomos catequizados. Fizemos foi Carnaval. O índio vestido de senador do Império. Fingindo de Pitt. Ou figurando nas óperas de Alencar cheio de bons sentimentos portugueses.

Já tínhamos o comunismo. Já tínhamos a língua surrealista. A idade de ouro.

Catiti Catiti

Imara Notiá

Notiá Imara

Ipeju

A magia e a vida. Tínhamos a relação e a distribuição dos bens físicos, dos bens morais, dos bens dignários. E sabíamos transpor o mistério e a morte com o auxílio de algumas formas gramaticais.

Perguntei a um homem o que era o Direito. Ele me respondeu que era a garantia do exercício da possibilidade. Esse homem chamava-se Galli Mathias. Comia.

Só não há determinismo onde há mistério. Mas que temos nós com isso?

Contra as histórias do homem que começam no Cabo Finisterra. O mundo não datado. Não rubricado. Sem Napoleão. Sem César.

A fixação do progresso por meio de catálogos e aparelhos de televisão. Só a maquinaria. E os transfusores de sangue.

Contra as sublimações antagônicas. Trazidas nas caravelas.

Contra a verdade dos povos missionários, definida pela sagacidade de um antropófago, o Visconde de Cairu: – É mentira muitas vezes repetida.

Mas não foram cruzados que vieram. Foram fugitivos de uma civilização que estamos comendo, porque somos fortes e vingativos como o Jabuti.

Se Deus é a consciênda do Universo Incriado, Guaraci é a mãe dos viventes. Jaci é a mãe dos vegetais.

Não tivemos especulação. Mas tínhamos adivinhação. Tínhamos Política que é a ciência da distribuição. E um sistema social-planetário.

As migrações. A fuga dos estados tediosos. Contra as escleroses urbanas. Contra os Conservatórios e o tédio especulativo.

De William James e Voronoff. A transfiguração do Tabu em totem. Antropofagia.

O pater famílias e a criação da Moral da Cegonha: Ignorância real das coisas + fala de imaginação + sentimento de autoridade ante a prole curiosa.

É preciso partir de um profundo ateísmo para se chegar à ideia de Deus. Mas a caraíba não precisava. Porque tinha Guaraci.

O objetivo criado reage com os Anjos da Queda. Depois Moisés divaga. Que temos nós com isso?

Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade.

Contra o índio de tocheiro. O índio filho de Maria, afilhado de Catarina de Médicis e genro de D. Antônio de Mariz.

A alegria é a prova dos nove.

No matriarcado de Pindorama.

Contra a Memória fonte do costume. A experiência pessoal renovada.

Somos concretistas. As ideias tomam conta, reagem, queimam gente nas praças públicas. Suprimamos as ideias e as outras paralisias. Pelos roteiros. Acreditar nos sinais, acreditar nos instrumentos e nas estrelas.

Contra Goethe, a mãe dos Gracos, e a Corte de D. João VI.

A alegria é a prova dos nove.

A luta entre o que se chamaria Incriado e a Criatura – ilustrada pela contradição permanente do homem e o seu Tabu. O amor cotidiano e o modus-vivendi capitalista. Antropofagia. Absorção do inimigo sacro. Para transformá-lo em totem. A humana aventura. A terrena finalidade. Porém, só as puras elites conseguiram realizar a antropofagia carnal, que traz em si o mais alto sentido da vida e evita todos os males identificados por Freud, males catequistas. O que se dá não é uma sublimação do instinto sexual. É a escala termométrica do instinto antropofágico. De carnal, ele se torna eletivo e cria a amizade. Afetivo, o amor. Especulativo, a ciência. Desvia-se e transfere-se. Chegamos ao aviltamento. A baixa antropofagia aglomerada nos pecados de catecismo – a inveja, a usura, a calúnia, o assassinato. Peste dos chamados povos cultos e cristianizados, é contra ela que estamos agindo. Antropófagos.

Contra Anchieta cantando as onze mil virgens do céu, na terra de Iracema, – o patriarca João Ramalho fundador de São Paulo.

A nossa independência ainda não foi proclamada. Frase típica de D. João VI: – Meu filho, põe essa coroa na tua cabeça, antes que algum aventureiro o faça! Expulsamos a dinastia. É preciso expulsar o espírito bragantino, as ordenações e o rapé de Maria da Fonte.

Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud – a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama.

OSWALD DE ANDRADE

*Em Piratininga Ano 374 da Deglutição do Bispo Sardinha
(Revista de Antropofagia, Ano 1, No. 1, maio de 1928.)*

3 A ANTROPOFAGIA PRESENTE EM “O REI DA VELA”

Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

Já neste primeiro trecho, selecionado do “Manifesto Antropofágico”, é possível identificar as questões que nortearam o autor Oswald de Andrade, tanto no próprio Manifesto como na peça “O Rei da Vela”.

Considerando as duas obras como formas de protesto, apontamos o tema capitalismo presente em ambos os textos. Junto a ele, senão como parte integrante de um mesmo conceito, o colonialismo.

A crítica combativa a estes pode ser identificada no primeiro ato da peça.

Abelardo I - um arrivista enriquecido por meio de empréstimos a juros altos e confiscação de bens dos seus clientes devedores – é o vilão, ironizado por Oswald em uma arte tão imitada pela realidade.

Desta forma irônica, caracterizando o cenário econômico e social brasileiro da época, a trama teatral se reveste de ícones exagerados, como por exemplo, as jaulas nas quais se encontram os devedores de Abelardo I, antes de terem seus títulos protestados e seus bens tomados como forma de pagamento.

Ora, é o sistema como uma prisão. Desde a colonização do país e intensificada pelo capitalismo e imperialismo vigentes.

A primeira frase utilizada como fonte para esta discussão é um resumo do pensamento antropofágico alinhado às ideias marxistas proponentes de uma luta de classes para enfim, se atingir o comunismo.

É a antropofagia aqui tomada como salvação de qualquer espécie de prisão, seja cultural, social ou econômica.

Contra todas as catequese. E contra a mãe dos Gracos.

A segunda frase, acima citada, se apoia na ideia de que, depois da catequização dos índios brasileiros por parte dos jesuítas portugueses, a moral cristã transformou-se num mecanismo de opressão ideológica em nossa sociedade.

É curiosa a menção à “mãe dos Gracos”, Cornélia Africana, pertencente à aristocracia romana, e que ficou conhecida por tal pseudônimo pela importância política de seus filhos, Tibério e Caio Graco, a quem criou sozinha. Tornou-se o símbolo da virtude, da moral e da força de caráter. A “mãe dos Gracos” fica conhecida como tal por meio da significância dos filhos, homens. Suprime sua identidade real em prol de uma visão paternalista, totalitária e machista.

Para Benedito Nunes (1990),

*A sociedade brasileira surge aos olhos de Oswald de Andrade através das oposições que a dividiram, polarizando a sua religião, a sua moral e o seu direito, a partir de uma primeira censura, a da catequese, que trouxe o cristianismo (...)*⁶

Podemos traçar um paralelo com o segundo ato da peça “O Rei da Vela”.

Heloísa: A Migdal tem outros portos! Mas o essencial é que ela hoje é um pilar da sociedade. Uma filantropa. Vai à missa todo dia...

É da Convenção Eleitoral Feminina... Capaz de ser eleita deputada pelo partido católico...

Assim, provocativamente, Oswald denuncia a supremacia político-religiosa como uma forma de opressão social.

De antropofágica, a obra “O Rei da Vela” revela uma reação não-antropofágica. As explorações, opressões, corrupções e discriminações advindas do sistema totalitário aqui mencionado configuram em um ambiente carregado de privações, frustrações e revoltas. Falta alegria, afinal:

A alegria é a prova dos nove.

No “Manifesto Antropofágico” Oswald repete esta frase, talvez para explicitar sua importância. Após o ritual de devoração antropofágica o que se ganha é algo novo, pulsante e vital. Algo do que se possa se orgulhar e chamar de nosso. A prova dos nove é a prova do sucesso antropofágico.

Na história de Abelardo I, alegria lhe falta. Porque não há inventividade. Porque não há liberdade. Todos os personagens estão presos à ditadura de um sistema.

Não há alegria na ascensão de Abelardo I, muito menos na coligação da aristocracia falida com a burguesia enriquecida. Nem sequer no “xeque mate” de Abelardo II.

⁶ NUNES, Benedito. p. 17.

Essa realidade social, exposta fria e ironicamente por Oswald e Andrade em “O Rei da Vela”, é combatida por ele numa abordagem não mais política. Por vezes religiosa, sobretudo psicanalítica, ele diz em seu Manifesto:

Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud

Mais uma vez, a oposição “vestido versus nu” nos aponta a intenção de trazer à tona o inconsciente primitivo do ser humano. Aquele do índio tupi. Aquele do homem antropofágico.

Em “O Rei da Vela” as teorias de Freud são citadas por Abelardo I como jogo de duplo sentido, ora para o bem, ora para o mal.

Pinote: Oh! Freud é subversivo...

Abelardo I: Um bocadinho. Mas olhe que, se não fosse ele, nós estávamos muito mais desmascarados. Ele ignora a luta de classes! Ou finge ignorar. É uma grande coisa!

Em outro trecho, Abelardo I dialoga com D^a Poloca, insinuando seus desejos sexuais por ela:

Abelardo I: (...) Não conhece o “Complexo de Édipo”? É o meu caso!

O referido “Complexo de Édipo” é parte conclusiva de experiências realizadas por Freud em sua teoria “Totem e Tabu”. Resumidamente, o totem seria, simbolicamente, a figura do pai. Entende-se por tabu qualquer comportamento ou tema proibido ou não aceitável em uma sociedade. O tabu de Freud seria a incestuosa manifestação de paixão do filho pela mãe, ocasionando a intenção deste filho de matar o próprio pai. Os tabus constituem um conjunto de regras criadas pelo poder vigente, em especial pela religião.

Numa leitura antropofágica, o tabu é algo a se repudiar, por ser considerado um mecanismo castrador da liberdade intelectual, privando o ser humano de uma expressão crítica e criativa.

Em “O Rei da Vela” – e sempre ironicamente - este repúdio é transparente ao longo da narrativa, onde Oswald denuncia de forma caricata, os desvios de uma sociedade aprisionada por seus tabus.

Relacionar os discursos antropofágicos inseridos na obra não é tarefa fácil, sobretudo pela complexidade de linguagem do “Manifesto Antropofágico” e da própria peça “O Rei da Vela”.

Contudo, concluímos este breve estudo com a certeza de ter levantado questões de considerável interesse no âmbito cultural nacional.

Após este ritual de devoração antropofágica, esperamos, enfim, poder comungar da alegria frente a algo novo, pulsante, vital. Porque, como vimos, “a alegria é a prova dos nove”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este estudo, nos arriscamos: o caráter antropofágico de “O Rei da Vela” é inegável.

Em sua narrativa, Oswald de Andrade se apropria de si mesmo. Numa auto-referência – terminológica e conceitual (e indiscutivelmente social, salientando sua condição de um aristocrata falido) - o autor retoma o discurso antropofágico indicando ao leitor, provocativamente, o significado do “não antropofágico” em uma sociedade.

Em uma sociedade enrustida e sob os domínios morais e religiosos, Abelardo I encontra no capitalismo a chave para sua riqueza.

Em meio a todos os tabus e opressões sociais, o personagem delinea uma falta de caráter como medida de sobrevivência neste regime imperialista.

No mecanismo de exploração capitalista ele devora seus explorados. E é devorado, por fim, por Abelardo II, seu sucessor nessa cadeia viciada e rítmica.

É o roteiro capitalista. Também contra os roteiros gritou Oswald de Andrade (ver “Manifesto Antropofágico”), que num ritual auto-devorativo, apontou ao leitor o que devorar, como ruminar e o que vomitar, num exercício de sermos genuinamente “nós”.

Desejamos a todos um bom apetite.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUARTE, Eduardo de Assis. **A antropofagia encontra o marxismo** – notas a propósito de “O Rei da Vela”, de Oswald de Andrade. UFMG. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_txt/ale_07/ale07_ead.pdf.
Acessado em 28/09/2012.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

NUNES, Benedito. **A utopia antropofágica**: a antropofagia ao alcance de todos. São Paulo: Ed. Globo, 1990. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/90754008/ANDRADE-Oswald-A-utopia-antropofagica>.
Acessado em 02/10/2012.

ROLNIK, Suely. Subjetividade antropofágica. In HERKENHOFF, Paulo e PEDROSA, Adriano. **Arte Contemporânea Brasileira**: um e/entre outros/s, XXIV Bienal Internacional de São Paulo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1998. p. 128-147.